DOI: 10.59771/teocon.2025v1.e-025008

Teodiceia e ansiedade: contribuições do pensamento de Agostinho de Hipona sobre o problema do mal no enfrentamento da ansiedade

Theodicy and Anxiety: Contributions of Augustine of Hippo a thought on the problem of evil in coping with anxiety

Elias Rangel Torralbo (FAESP)

https://orcid.org/0009-0008-8359-4030

Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar a questão do mal presente na história que, muitas vezes, é a causa de muita ansiedade na vida de muitas pessoas. Sabe-se que há diferentes formas e níveis pelos quais a ansiedade atinge o indivíduo em suas mais diversas áreas, tais como: pessoal, familiar e social. Uma causa muito comum entre os que sofrem de transtorno de ansiedade é a incapacidade de lidar com o caos, com o sofrimento ou qualquer manifestação do que tem sido chamado de mal. Por isso, a teodiceia se ocupa em trabalhar os atributos de Deus e sua relação com a existência e o problema do mal. Esta questão é uma das angústias que mais aflige o ser humano, por sua complexidade sobre a origem, a existência, o avanço e as mais diferentes materializações do mal. Ressalta-se que há uma complexidade em relacionar a bondade e o poder de Deus com a existência e a realidade do mal, e em como esse problema tem atormentado muitas pessoas, mas também motivado pensadores teológicos e filosóficos a trabalharem em elaborações em torno dessa problemática, entretanto, pouquíssimos atingiram o nível de contribuição nessa área como Agostinho Hipona, que viveu no quarto século e que tem sido considerado um dos maiores colaboradores no desenvolvimento da cristandade. A proposta do presente texto é apresentar uma reflexão sobre uma possível contribuição da elaboração teológica-filosófica do bispo de Hipona sobre o problema do mal aos que sofrem de transtorno de ansiedade, como desdobramento da incapacidade de lidar com as mais variadas formas de sofrimento.

Palavras-chave: Ansiedade; O Problema do Mal; Psicologia; Teologia; Agostinho de Hipona.

Abstract: Anxiety has always been present in the history of mankind, and nowadays, its effects are increasingly accentuated and the number of those affected by it, increases significantly, mainly due to the social impositions of this time. There are different ways and levels by which anxiety affects the individual, in its most diverse areas, such as: personal, family and social. A very common cause among anxiety disorder sufferers is the inability to cope with chaos, suffering or any manifestation of what has been called evil. Theodicy is concerned with working on the attributes of God and his relationship to existence and the problem of evil. In fact, one of the anxieties that afflict the human being is the complexity of the origin, existence, advancement and the most different

materializations of evil. The complexity in relating the goodness and the power of God with the existence and reality of evil, has plagued many people, but it has also motivated theological and philosophical thinkers to work on elaborations around this problem, however, very few have reached the level of contribution in this. area like Augustine of Hippo, who lived in the fourth century and who has been considered one of the greatest collaborators in the development of Christianity.The purpose of this text is to present a reflection on a possible contribution of the theological-philosophical elaboration of this Catholic bishop on the problem of evil to those who suffer from anxiety disorder, such as the unfolding of the inability to deal with the most varied forms of suffering.

Keywords: Anxiety; The Problem of Evil; Psychology; Theology; Augustine of Hippo

Introdução

O problema da ansiedade não é novidade à realidade humana. No entanto, o imediatismo que caracteriza o tempo moderno, por meio de suas imposições sociais, proporciona um ambiente favorável para que, ao referir-se à ansiedade, nas palavras de Gary R. Collins, não só acentuam, como confirmam "a sua presença e, provavelmente, aumentaram a sua influência" (Collins, 2004, p. 90). Em uma análise geral, esse problema tem levado pessoas do mundo inteiro ao sofrimento, e, em uma visão mais restrita, esse fenômeno tem feito do Brasil o país mais ansioso do mundo, como fruto e reflexo de problemas sociais, econômicos e sanitários.[1]

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul realizou uma pesquisa que identificou, em virtude da pandemia causada pela Covid-19, entre os anos 2020 e 2021, o número de brasileiros que sofrem de ansiedade aumentou significativamente, disparando ainda mais à frente dos demais países. De acordo com essa pesquisa, o estresse, decorrente da pandemia, tem sido a principal causa para o aumento deste número, além da particularidade de que, sob o aspecto social e econômico, as classes mais vulneráveis e fragilizadas, são as mais afetadas.[2]

Destaca-se ainda que a pessoa afetada pela ansiedade sofre integralmente, já que o seu físico, a sua mente e as suas emoções são tocadas pelos seus terríveis efeitos. Recomenda-se que a ansiedade seja tratada, caso contrário, os seus sintomas tendem a se aprofundar e durar mais tempo, causando aquilo que tem sido chamado de "transtorno de ansiedade", cuja característica principal é a potencialização do medo e, consequentemente, a preocupação exagerada. O transtorno de ansiedade não é o único desdobramento que pode decorrer da ansiedade não tratada, pelo contrário, há outras formas dela se intensificar e se manifestar, como: 1) Crises de Ansiedade; 2) Ataques

[1] Essa informação foi extraída de uma pesquisa feita e que pode ser lida na íntegra no link a seguir, com muitas outras informações sobre a situação do Brasil no quesito transtorno de ansiedade: https://sindjustica.com/2020/05/27/brasil-tem-maior-taxa-de-transtorno-de-ansiedade-do-mundo-diz-oms/#:~:text=O%20Brasil%20%C3%A9%20o%20pa%C3%ADs,5%2C8%25%20da%20popula%C3%A7%C3%A3o.

[2] https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-10/pesquisa-revela-aumento-da-ansiedade-entre-brasileiros-na-pandemia.

de Pânico; 3) Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC); 4) Síndrome do Pensamento Acelerado (SPA) etc.

O transtorno da ansiedade como consequência do mal

Uma pessoa sob os efeitos do transtorno de ansiedade convive com a constante e sofredora sensação de que algo ruim está para acontecer, e, geralmente, isso a leva à sensação de medo permanente, fazendo-a sentir-se incapaz de controlar, tanto as situações, como os sentimentos que a envolvem. Com base nisso, o presente texto propõe uma reflexão que parte, basicamente de dois princípios fundamentais: i) o transtorno de ansiedade é uma realidade que tem levado muitas pessoas a sofrerem danos pessoais, familiares e sociais; ii) embora haja outras causas, o transtorno decorre também, da incapacidade que geralmente se tem de lidar com fenômenos como o caos individual ou coletivo, os desajustes inesperados da vida, a dor da injustiça, a dor implacável da perda de um ente querido, ou qualquer outra face, ou ainda, efeitos daquilo que tem sido denominado como mal.

O problema do mal em Agostinho

Vale lembrar que, do ponto de vista histórico, o problema do mal – mui especialmente a sua origem - tem causado grandes e longos debates e sido tema de importantes pesquisas, assim, apresenta-se como um dos assuntos mais inquietantes e intrigantes na história – tanto antiga como recente. Um dos vultos da história que se debruçou sobre essa temática foi Agostinho de Hipona.[3], cuja elaboração teológica e filosófica sobre a origem do mal tem oferecido contribuições imprescindíveis na construção e fundamentação de diálogo e produções literárias que têm ajudado a esclarecer as mentes e confortar pessoas, não somente em ambientes religiosos, mas em todos os possíveis, inclusive acadêmicos.

Pode-se mencionar, por exemplo, que o problema e a origem do mal ocuparam a mente de Agostinho desde quando ainda era um adolescente. Suas inquietações em torno deste tema o conduziram ao maniqueísmo, cuja teoria não foi capaz de saciar a sede do jovem promissor, que continuou buscando respostas para suas indagações.

Em suas “Confissões”, é possível identificar de maneira clara e contundente essa fase de sua vida, conforme se lê em suas próprias palavras:

> Buscava a origem do mal, mas buscava-a erroneamente. E, ainda mesmo, nessa indagação, não enxergava o mal que nela havia... Qual a sua origem, se Deus, que é bom, fez todas as coisas? Sendo o supremo e sumo Bem, criou bens menores do que Ele; mas enfim, o Criador e as criaturas, todos são bons. Donde, pois, vem o mal? Ou seria pelo fato de Deus fazer tudo isto com matéria em que existia algo de mau,

[3] O “Dicionário Crítico de Teologia” oferece uma excelente exposição da biografia de Agostinho e informa suas principais contribuições literárias, que abarcam todas as áreas fundamentais da teologia. (LACOSTE, Jean Yves (Dir.). **Dicionário Crítico de Teologia.** São Paulo, SP: Paulinas: Edições Loyola, 2004, p. 68-83)

> e ao dar-lhe a forma e ao ordená-la, ter deixado nela alguma coisa que não transformasse em bem? E isto por quê? Não podia Ele convertê-la inteiramente de modo a não permanecer nela nada de mau, já que era Onipotente? Enfim, por que quis fazer dela alguma coisa e, por que não preferiu antes reduzi-la totalmente ao nada, com a sua mesma Onipotência? Poderia acaso ela existir contra a vontade divina? Se a matéria é eterna, por que a deixou perdurar tanto no passado, por um espaço indefinido de tempo, e por que motivo se comprazeu em fazer dela alguma coisa, só tanto tempo depois? (Agostinho, 2001, p. 144,145).

Nota-se que toda esta inquietação de Agostinho resultou numa produção teológica e filosófica, da qual o tempo não tem sido capaz de ofuscar a sua importância e relevância, de maneira que é difícil fazer qualquer análise acerca do problema do mal sem levar em conta aquilo que se pode acessar à fonte agostiniana. Com base nisso, destaca-se a pergunta que norteia a reflexão aqui proposta: como a elaboração de Agostinho de Hipona sobre a origem do mal pode contribuir no enfrentamento do problema da ansiedade?

O objetivo dessa reflexão, portanto, com intentos a responder à questão elencada, é mostrar a perspectiva cristã desenvolvida por Agostinho sobre a origem do mal como possível instrumento amenizador às aflições causadas pela ansiedade na atualidade.

A ansiedade e o problema do mal

A ansiedade é campo de atuação da psicologia, enquanto o problema do mal é da teologia, e nesse caso, se impõe a necessidade do diálogo entre essas duas áreas do conhecimento. Aliás, é importante destacar que o diálogo entre psicologia e teologia tem sido objeto de análise e reflexão há muitos anos e de muitos estudiosos, tratando-se de um fenômeno crescente e consideravelmente importante nos avanços acadêmicos de ambas as áreas do conhecimento. O filósofo e teólogo cristão Tomás de Aquino se ocupou com o trabalho de colocar a psicologia e a teologia em diálogo, conforme o seguinte registro:

> Em 1250, com Tomás de Aquino (1224-1275), as obras de Aristóteles alcançaram um notável estado de perfeição. A determinação aristotélica das relações corpo-alma e as questões ligadas a elas sobre as diferentes funções psíquicas tornaram possível a este santo da Igreja medieval uma união quase total da psicologia aristotélica com as doutrinas da Igreja. A força da psicologia tomista reside de uma parte nos fundamentos empíricos da psicologia já introduzidos por Aristóteles e nela conservados e, por outra parte, na simultânea ligação com as crenças religiosas" (Braghirolli et al, 2019, p. 19).

Nunca é demais lembrar desse possível e necessário diálogo entre a psicologia e a teologia que, embora sejam duas áreas distintas do conhecimento e tenham seus

próprios limites de atuação, no entanto, juntas, elas podem oferecer significativas contribuições, principalmente na amenização dos efeitos do mal que levam pessoas a sofrer, inclusive de ansiedade. Em parte do prefácio que fez à obra "A Teologia em Diálogo com as Psicologias entre os Séculos XIX e XXI" – que muito tem a contribuir para uma reflexão sobre o diálogo entre essas áreas do saber -, o professor e doutor Edilson Soares de Souza parte do princípio de que, uma vez que "a psicologia já se debruçou sobre a religião, no que se chama de *Psicologia da Religião*", assim também "a teologia pode empreender estudos que visem intensificar reflexões da psicologia", com o objetivo de aplicá-las à prática da "espiritualidade do ser humano", haja vista que, segundo ele, tem "no *Sagrado* um dos pontos de interesse de ambas as áreas do saber" (Wanderley, 2019, p. 29-30).

No que se refere ao processo pelo qual o presente texto busca alcançar os seus objetivos, a primeira ação será no sentido de oferecer uma definição para ansiedade, com uma ênfase à inquietação que o problema do mal e suas implicações são capazes de provocar no indivíduo, tendo isso como uma de suas principais causas; e, em seguida, apresentar o contexto em que Agostinho de Hipona desenvolveu o seu pensamento a respeito da Teodiceia, bem como parte do resultado dessa elaboração teológica, culminando assim com a elucidação de como a obra deste teólogo e filósofo cristão do século IV é capaz de contribuir com a indiciação de um caminho seguro e eficaz pelo qual a pessoa com ansiedade possa enfrentar e vencer os seus males.

A história da ansiedade e sua relação com o problema do mal

Pode-se afirmar que a ansiedade não é um problema recente na história; pelo contrário, ela é tão antiga quanto a humanidade. É evidente que os dados atestam um índice elevado de casos de ansiedade no homem atual, assolando pessoas em todo o mundo, mui especialmente no Brasil, conforme já mencionado. Contudo, ao olhar para a história é possível perceber o quanto esse mal levou muitos ao sofrimento, o que reafirma a inevitabilidade de sua presença nas relações humanas, sejam elas pessoais ou interpessoais.

A área da ciência que se propõe discorrer sobre a ansiedade é a psicologia. Ela, que se propõe a estudar o comportamento humano. Teve a fisiologia e a filosofia como os "seus pais intelectuais" e com o empenho do professor alemão Wilhelm Wundt, a psicologia se tornou "uma disciplina independente, em vez de uma enteada da fisiologia e da filosofia" (Fuchs e Evans, 2013). Em 1879, Wundt conseguiu montar o primeiro laboratório formal para pesquisas em psicologia na University of Leipzig. Em reconhecimento a este marco, os historiadores batizaram 1879 como "o ano de nascimento" da psicologia" (Weiten, 2019, p. 4).

O problema da ansiedade, no entanto, aparece antes mesmo do surgimento

oficial da psicologia, como se vê em textos bíblicos que fornecem registros históricos de personagens que em algum momento sofreram de ansiedade, como no caso de Davi que escreveu o Salmo 55 como demonstração do que sentiu por ocasião da triste decisão de Absalão, seu filho, em coabitar com mulheres à vista de todos (II Sm 15-17); há também textos sobre as consequências da ansiedade, assim como a maneira de enfrentá-la e vencê-la (Sl 94.19; Pv 12.25; Mt 6.26-28; Fp 4.6,7; I Pe 5.7).

Desse modo, fica claro que o ser humano sempre conviveu com o desafio imposto pela ansiedade, seja no sentido de evitá-la ou vencê-la. Mas, afinal, o que realmente é ansiedade, quais as suas principais causas, suas evidências e como vencê-la?

A professora e psicóloga Elaine Cruz oferece a seguinte definição para ansiedade:

> Na ansiedade ocorre o desequilíbrio de certas substâncias químicas no cérebro, chamadas neurotransmissores. Destes, dois neurotransmissores, chamados serotonina e noradrenalina, estão relacionados aos transtornos de ansiedade. Quando o nível de serotonina cai e os níveis de noradrenalina se elevam, podemos ter um quadro de ansiedade, que pode ser situacional e passageira, ou persistente (Cruz, 2019, p. 134).

Dois aspectos, portanto, devem ser considerados: i) os neurotransmissores serotonina e noradrenalina que possuem relação com o humor, ânimo e excitação, devem manter o devido equilíbrio, ou seja, a ansiedade está intimamente ligada a fatores que dizem respeito ao equilíbrio entre os extremos; ii) a ansiedade pode se manifestar de diferentes formas, isto é, ela pode se dar de maneira circunstancial, em que uma situação adversa leva a pessoa a ficar ansiosa, ou pode ocorrer em um estado permanente.

Gary R. Collins apresenta diferentes níveis de ansiedade, e mostra como cada um se apresenta, conforme se percebe em suas palavras:

> A ansiedade *normal* é algo que todos nós experimentamos de vez em quando, geralmente quando existe algum perigo real ou circunstancial. Na grande maioria das vezes, esse tipo de ansiedade é proporcional ao perigo (quanto maior a ameaça, maior a ansiedade). É uma ansiedade que pode ser reconhecida, controlada e reduzida, principalmente quando as circunstâncias mudam. A ansiedade *neurótica* envolve sensações extremamente exageradas de impotência e terror mesmo quando o perigo é mínimo ou inexistente. Muitos terapeutas acreditam que essa ansiedade não pode ser enfrentada de maneira objetiva e racional porque provém de conflitos internos inconscientes... Uma ansiedade *moderada* pode ser desejável e até salutar... Já a ansiedade *intensa* é mais estressante... A ansiedade *aguda* geralmente se instala rapidamente, pode ser intensa, ou não, e tem curta duração... A ansiedade *crônica*, por sua vez, é uma tensão emocional contínua, permanente e enraizada (Collins, 2004, p. 90-91).

Há dois pontos a serem levados em conta aqui: i) independentemente do nível de ansiedade que o indivíduo possa ter, é preciso atenção e cuidado, com vistas uma ação preventiva ou até mesmo de intervenção para uma possível solução; ii) é indispensável que haja equilíbrio e sensatez na avaliação do nível de ansiedade para que não seja atribuída a classificação além do que realmente é. É preciso, portanto, um diagnóstico preciso e correto do problema. O sofrimento de uma pessoa com ansiedade alcança situações quase que insustentáveis, causando-lhe transtornos, desequilíbrio e exige um processo de reabilitação e reorganização emocional, mas para isso se impõe a necessidade de "muito cuidado para não tornar patológico o sofrimento" (Bock *et al*., 2018, p. 383-384).

No que tange aos sintomas da ansiedade, é preciso dizer que, a depender do seu nível, eles têm diferentes manifestações. Há muitos sintomas que indicam a presença da ansiedade, dentre os quais aqui se destacam os seguintes: pensamento acelerado; desejo de ter controle de tudo; taquicardia e aperto no peito; tremores; irritabilidade frequente; preocupações, tensões ou medo exagerados; sensação permanente de que algo de muito ruim está para acontecer; falta de prazer com a família e trabalho; desânimo total e permanente. Estes pertencem a diferentes tipos de manifestações de ansiedade, que vão desde o "transtorno ansioso", as "crises de ansiedade", os "ataques de pânico", até o "transtorno obsessivo compulsivo".

Identificar as causas da ansiedade não é tarefa tão fácil quanto possa parecer, no entanto, fatalidades como acidentes, violência das mais variadas naturezas, perdas significativas, desastres naturais, ser vítima de sequestro ou assalto, e tantas outras, podem levar um indivíduo a desenvolver um quadro de ansiedade permanente. Percebe-se, portanto, que parte das principais causas que resultam em ansiedade está relacionada às mais diferentes formas de manifestação do que é chamado de mal, aliás, conforme já destacado anteriormente, a busca pelo entendimento sobre a natureza do mal tem embalado grandes e intermináveis debates.

Ainda convém lembrar que a incapacidade do homem em impedir que o mal aconteça, torna-o impotente diante das adversidades, causando desconfiança, insegurança e consequentemente, grandes preocupações, conforme se lê nas palavras da professora Elaine Cruz:

> A ansiedade é chamada o mal do século 21. Ela está ligada a nossos dilemas frente a um futuro incerto, neste mundo em que vivemos cronometrados por compromissos. Sigmund Freud, pai da Psicanálise, afirmava que a ansiedade é a mãe de todas as neuroses. Ela é fruto direto da preocupação (preocupar-se antes do problema chegar), mas não resolver o problema: apenas nos deixa mais frágeis e dominados por ela (Cruz, 2019, p. 143).

Com base nisso, há plausibilidade na afirmação de que as dúvidas acerca da

origem do mal e a incapacidade de evitá-lo e de vencê-lo, são responsáveis por boa parte dos casos de ansiedade, haja vista que a preocupação exagerada, que se materializa no sofrimento antecipado, isto é, na ocupação em buscar solução para um problema que ainda nem se manifestou, é uma de suas principais evidências. Sendo assim, fazer uma análise e ter uma boa compreensão sobre os aspectos que envolvem o problema do mal, dentro de uma perspectiva bíblica e teológica pode contribuir significativamente no sentido de amenizar a angústia dos que sofrem de ansiedade, oferecendo-lhes alívio e um caminho pelo qual possam trilhar com paz e segurança.

O problema do mal à luz de Agostinho de Hipona e sua possível contribuição no enfrentamento à ansiedade

Por ocasião da morte de sua esposa, C. S. Lewis foi tomado por dúvidas tão profundas, que o levou a questionar a bondade de Deus e a pensar, inclusive, que havia sido enganado, como se lê em suas palavras:

> Cedo ou tarde, enfrentaremos esta pergunta numa linguagem simples e direta, quais são os motivos que temos para acreditar que Deus é "bom" por qualquer padrão que possamos conceber? À primeira vista, todas as evidências não sugerem exatamente o contrário? O que temos para contrariá-las? Temos Cristo contra elas? Mas e se Ele estivesse enganado? Suas últimas palavras têm um significado perfeitamente claro. Jesus descobriu que o ser que Ele chamava de Pai era terrível e infinitamente diferente do que Ele imaginava. A armadilha, preparada cuidadosamente durante tanto tempo, com uma isca tão sutil, surgiu de forma repentina na cruz. A brincadeira vil obteve sucesso... Fomos enganados passo a passo. Vez após vez, quando Ele parecia mais gracioso, estava, na verdade, preparando a próxima tortura" (Geisler; Brooks, 2016, p. 61).

Sobre a esteira da experiência e das palavras de Lewis, ressalta-se que, indiscutivelmente, ainda que em alguma medida, todo ser humano – em algum momento de sua vida – se encontrará diante de situações das mais diversas e adversas, que o s conduzirá a duras e difíceis questões sobre o problema do mal, tais como: i) O que é o mal?; ii) Qual a origem do mal?; iii) Por que o mal não é vencido?; iv) Qual a finalidade do mal?; v) Onde está Deus quando chega o mal?

Ressalta-se que os questionamentos acerca do problema do mal e de suas implicações são antigos, aliás, eles remontam aos tempos bíblicos. Entre outras referências e narrativas bíblicas, encontram-se as experiências dos profetas Jeremias e Habacuque que enfrentaram este drama em níveis pessoais e interpessoais, ou seja, individuais e coletivas, respectivamente.

Em primeiro lugar, é importante dar um enfoque ao fato de que Jeremias tem sido chamado de "o profeta das lágrimas", referência esta que advém de pelo menos

dois motivos: a) por ser considerado o escritor do livro das Lamentações; e b) pelo sofrimento que marcou o seu ministério e as suas acentuadas reações emotivas a isso. Desde que foi chamado por Deus, Jeremias foi avisado de que sofreria (Jr 1.19), vindo a ser preso, rejeitado pelo seu povo e pela própria família (Jr 11.19-21; 12.6; 20.2; 32.2-3). No entanto, nenhum desses sofrimentos se compara com o que esse profeta viveu, quando teve de lidar com a aparente indiferença de Deus, vindo a chamá-lo de "ribeiro ilusório" (Jr 15.18). Em segundo lugar, a expressão *"até quando"* abre o livro de Habacuque e indica o elevado nível de dúvida a que o profeta esteve submetido a partir da violência da injustiça social, das guerras e do pecado que caracterizavam a sociedade de seus dias (Hc 1.2-17).

Nota-se, tanto na experiência de Jeremias quanto na de Habacuque, os fatores externos, isto é, de natureza social e coletivo, contribuíram, diretamente, com as reações internas dos profetas, isto é, em suas emoções e na disposição da fé de cada um deles. Este fato bíblico-histórico confirma a dificuldade do ser humano diante de questões que concernem ao problema do mal, assim como fortalece o argumento de que este tema tem sido um dos dilemas da alma humana, bem como objeto de pesquisa de pensadores das mais variadas áreas do conhecimento, inclusive da teologia.

É destes empreendimentos intelectuais que surgiu o termo de teodiceia que, embora não sejam encontrados expressamente nas Escrituras, entretanto, a realidade de sua abordagem e de seu conceito é encontrada ao longo de toda a sua narrativa. O início de seu uso tem sido atribuído em decorrência da obra *Ensaio de Teodiceia* do filósofo alemão G. W. Leibniz (1646-1716) e basicamente, diz respeito a uma reflexão sobre o dilema fundamentado entre as seguintes declarações: i) Deus existe; ii) Deus é todo poderoso; iii) Deus é bom; iv) o mal existe (Leibniz, 2013).

Contribuições de Agostinho de Hipona ao enfrentamento da ansiedade

Historicamente, há muitas contribuições relevantes sobre o problema do mal nas perspectivas filosófica e teológica, mas poucas se assemelham à que resultou dos esforços do bispo católico Agostinho de Hipona, cujo pensamento a este respeito não tem se consolidado sob a perspectiva do argumento intelectual e estrutural, mas também no alcance de suas contribuições nas mais variadas áreas da vida humana. Portanto, a elaboração de Agostinho acerca do mal possui todas as condições necessárias e possíveis de servir de instrumento contra a ansiedade e seus efeitos.

Diante disso, esta seção se ocupa na identificação dos principais elementos daquilo que Agostinho pensou e escreveu sobre o mal, aplicando-os no combate à triste realidade da ansiedade. Inicialmente, aqui se apresenta um breve resumo da trajetória histórica deste importante pai da igreja, ressaltando que – em certa medida – a ansiedade é um dos desdobramentos do mal moral defendido por ele, como fruto da desobediência de Adão e, finalmente, aqui se apresenta os pontos fundamentais –

teologicamente - da teodicéia agostiniana, canalizando-os como meios de conhecimento na contribuição contra a ansiedade.

Uma breve biografia de Agostinho e sua relação com o mal

Aurelius Augustinus, nasceu em Tagaste, situada na província da Numídia, no Norte da África, no ano de 354. Filho de um pai pagão e de uma mãe cristã piedosa, recebeu forte influência do pai para os estudos e da mãe para as coisas de Deus, aliás, ela lutou, em oração, pela salvação de seu filho. De 365 a 369, estudou literatura em Madaura, nutrindo grande apreço pela linguagem, e em 370 chegou a Cartago – com a ajuda de Romanianus – para estudar retórica, de forma aprofundada, onde também estabeleceu uma relação com uma mulher, que durou 13 anos, que lhe deu um filho por nome Adeodato.

É significativo o fato de Agostinho ter sido despertado a conhecer a verdade, da sabedoria e da pureza por meio da obra *Hertensius*, de Cícero. Nessa busca pela verdade, o bispo de Hipona foi levado ao maniqueísmo, movimento religioso da antiguidade, cujo fundador foi o dualista do terceiro século Maniqueu que afirmava que o mundo foi feito de matéria incriada. Segundo ele, essa matéria era má em si mesma. Assim, toda a existência física era maligna; apenas as coisas espirituais poderiam ser boas. Agostinho compôs uma grande quantidade de escritos para mostrar que tudo aquilo que Deus criou é bom, e que o mal não é uma substância" (Geisler; Brooks, 2016, p. 63).

Agostinho chegou em Roma no ano de 383, e dirigiu-se a Milão em 384, onde conheceu Ambrósio que o influenciou ao ponto de convencê-lo de que o cristianismo possuía condições de defender-se dos ataques maniqueístas, e então, alistou-se como um catecúmeno na igreja. Converteu-se, finalmente, aos 31 anos de idade a partir da leitura de Romanos 13.13-14, e no dia 25 de abril de 387 foi batizado por Ambrósio. Depois de tanto relutar, tornou-se bispo na cidade de Hipona, no ano de 391, onde faleceu em 28 de agosto de 430.

A relação de Agostinho com o maniqueísmo resultou de sua busca por respostas sobre o problema do mal, conforme se lê nas palavras que escreveu ao seu amigo Evódio: "Ah! Suscitas uma questão que me atormentou por demais, desde quando era ainda muito jovem. Após ter-me cansado inutilmente de resolvê-la, levou a precipitar-me na heresia (dos maniqueus), com tal violência que fiquei prostrado" (Agostinho, 1995, p. 14).

Em suas *Confissões*, é possível notar a angustiante busca por respostas sobre a origem do mal, que dominava o bispo de Hipona, o reconhecimento, posterior à sua conversão, de que buscou de maneira equivocada e sua reafirmação a respeito de sua fé em Deus, não obstante os seus questionamentos, conforme se lê em suas próprias palavras:

> Buscava a origem do mal, mas buscava erroneamente... Assim, a Vossa criatura *finita*, supunha-a eu cheia de Vós que sois o *infinito*. Dizia:

> "Eis Deus e eis o que Deus criou! Deus é bom e, por conseguinte, criou boas coisas. E eis como Ele as rodeia e as enche! Onde está, portanto, o mal? Donde e por onde conseguiu penetrar? Qual é a sua raiz e a sua semente...? Qual a sua origem, se Deus, que é bom, fez todas as coisas? Sendo o supremo e sumo Bem, criou bens menores do que Ele; mas enfim, o Criador e as criaturas, todos são bons. Donde, pois, vem o mal...? Revolvia tudo isto dentro do meu peito miserável, oprimido pelos mordazes cuidados do temor da morte e por não ter encontrado a verdade. Estava, contudo, arraigada no meu coração a fé em Jesus Cristo, Vosso Filho, Senhor Salvador Nosso, professada pela Igreja Católica. Se bem que me achava ainda informe e flutuando para além da norma da doutrina, contudo o meu espírito não abandonava a fé, antes cada vez mais se abraçava a ela (Agostinho, 2001, p. 144-146).

As análises agostinianas sobre o mal são amplas e complexas. Por exemplo, em sua obra *O Livre-Arbítrio* é possível notar o seu aprofundamento nessas questões sob três aspectos: i) metafísico-ontológico; ii) moral e, iii) físico. A reflexão aqui proposta possui uma relação com o aspecto físico da abordagem que Agostinho faz sobre o mal, que de acordo com a sua elaboração, trata-se de uma consequência do mal moral (Agostinho, 1995, p. 7).

Ao referir-se à dimensão física do mal, o bispo de Hipona tem em mente as doenças, os mais variados tipos e níveis de sofrimentos, toda e qualquer forma de injustiça, as tragédias naturais e a própria morte. E, conforme assinalado anteriormente, essas formas de mal, têm sido responsáveis por grande parte dos casos de ansiedade, e isso faz da elaboração teológica e filosófica de Agostinho uma grande aliada no enfrentamento desse mal que tem levado muitas pessoas ao sofrimento emocional.

Ressalta-se que o entendimento de uma possível contribuição da concepção de Agostinho sobre o problema do mal no enfrentamento à ansiedade passa pela consideração do que pode ser encontrado em sua obra de oposição ao maniqueísmo, intitulada *Da Natureza do Bem*, na qual é possível encontrar as seguintes pontuações: i) uma reflexão em torno do problema do mal não carece de dividir o mundo (dualismo) em duas forças iguais; ii) o mal não é uma substância, mas a deturpação, ou ainda, a corrupção do que Deus criou com perfeição; iii) Deus é infinitamente superior a tudo o que criou, e evidentemente, toda a criação, diferentemente de seu Criador, pode ser corrompida, mui especialmente pelo mal uso do livre-arbítrio que o homem recebeu como dádiva divina (Matos, 2013, p. 20-26).

A ansiedade como consequência de um mal moral sofrido e sentido

A subjetividade, o movimento e a transformação pertencem ao escopo da psicologia, e na abordagem desses pontos, é possível perceber que há no ser humano a busca por uma vida melhor, ou seja, ordenada, regrada e bem vivida (Bock; Furtado, 2018, p. 10-12). Partindo do princípio de que o ser humano almeja e busca por esta vida

perfeita, depreende-se a existência de um padrão de vida a ser alcançado, verdade esta da qual se pode dar duas afirmações: i) esse padrão de vida perfeita pode ser entendido como algo que pertence ao imaginário humano, apenas; ii) o anseio humano por esta vida reflete, ainda que em partes e no campo da fé, o ser humano já tenha vivido nessas condições, e em algum momento e por alguma razão, o perdeu. Segundo o conceito de Agostinho, as mais variadas formas pelas quais o mal se manifesta no mundo físico, se dão em decorrência do mal moral, a quebra de uma aliança, e nesse caso, o pecado do homem.

A ansiedade é uma forma de angústia, e esta por sua vez é reflexo do pecado. Caso o pecado não tivesse afetado a raça humana, não existiria a angústia, e consequentemente, a ansiedade não seria parte da vida e da existência humana, pelo menos não da forma pela qual ela se manifesta atualmente (Kierkegaard, 2015, p. 50-56). Sendo assim, uma vez que, de acordo com o conceito agostiniano de que o mal e suas manifestações resultam da quebra de uma relação saudável entre o homem e Deus, logo, o primeiro passo em direção a uma possível solução para isso estaria na renovação desse elo quebrado, cuja principal característica é a de um coração que descansa em um Deus bondoso, justo e todo-poderoso. A respeito disso, Agostinho escreveu a Evódio, seu amigo:

> Tem coragem e conserva a fé naquilo que crês. Nada é mais recomendável do que crer, até no caso de estar oculta a razão de por que isso ser assim e não de outro modo. Com efeito, conceber de Deus a opinião mais excelente possível é o começo mais autêntico da piedade. E ninguém terá de Deus um alto conceito, se não crer que ele é todo-poderoso e que não possui parte alguma de sua natureza submissa a qualquer mudança. Crer que ele é o Criador de todos os bens, aos quais é infinitamente superior; assim como ser ele aquele que governa com perfeita justiça tudo quanto criou, sem sentir necessidade de criar qualquer ser que seja, como se não fosse auto-suficiente. Isso porque tirou tudo do nada (Agostinho, 1995, p. 17).

Com base nas palavras supracitadas é possível identificar, não somente os principais pontos da elaboração do bispo de Hipona sobre o problema do mal, mas mui especialmente as formas pelas quais os seus efeitos podem ser combatidos e minimizados, conforme se vê: i) é preciso uma fé inabalável em Deus; ii) é preciso crer que Deus é todo-poderoso; iii) é preciso descansar no fato de que Deus é bom.

Mesmo com essas convicções, Agostinho teve de enfrentar as principais questões da teodiceia, entre elas: “Se Deus é o Criador de todas as coisas, e o mal – sendo uma coisa – existe, seria Ele o seu Criador?”; “Se Deus é bom, por que permite a existência e a permanência do mal?”; “Se Deus é todo-poderoso, por que não o destrói de uma vez por todas?”

Em vista dos argumentos apresentados, parte do conceito de Agostinho sobre o problema do mal repousa sobre sua defesa de que as catástrofes, as doenças e toda

sorte de injustiças, decorrem do mal moral, em outros termos, do pecado, o que para ele, constitui-se no desejo do homem em ser igual a Deus, triste realidade que pode ser identificada nos mais distintos atos humanos. Portanto, para ele, no que tange aos distúrbios resultantes dessa ruptura – e nesse caso, a ansiedade – só pode haver um retorno à plena felicidade, caso o homem reconheça suas próprias limitações, diante da infinitude da grandeza, do poder e da bondade de Deus. Assim dizendo, a paz que o ser humano tanto deseja e busca só poderá ser alcançada à medida que recolher-se ao lugar de criatura, reconhecendo e submetendo-se a Deus como Soberano Criador, mesmo diante de tantas aflições.

Johannes Brachtendori explicita isso em seus comentários das *"Confissões de Agostinho"*, conforme se lê abaixo:

> Fundamentalmente, a natureza do homem consiste em ser criado por Deus. O homem que reconhece isso vive segundo a natureza. Ele concebe Deus como sumo bem e se torna feliz na obtenção desse bem. Em contrapartida, o homem que deseja ser como Deus e, em conformidade com isso, procura a quietude e a felicidade em si mesmo cai numa contradição com sua própria essência, que provoca desordem da alma, conduz a equívocos a respeito da verdadeira hierarquia dos bens e, por fim, à infelicidade (Brachtendori , 2008, p. 70).

Percebe-se, portanto, que a contribuição agostiniana sobre o problema do mal, alcança, positivamente, o problema atual da ansiedade, principalmente porque permite e incentiva que ser humano reconheça a sua própria limitação, a sua inclinação ao pecado, a bondade o cuidado de Deus em proporcionar-lhe a felicidade. Com esta atitude, o ser humano assumirá e aceitará o seu lugar de obra criada pelo Deus todo-poderoso, que deve ser reverenciado, pois, além de ele ser a fonte de todo o bem, dele também procede todos os meios para que o mal seja enfrentado e, finalmente, vencido.

Considerações Finais

Dado o exposto, a presente produção literária reafirma a importância do diálogo entre diferentes áreas do conhecimento e sua capacidade em contribuir com o bem das pessoas. Conforme visto, a ansiedade – área tratada pela psicologia – tem inúmeras pessoas aos mais diferentes tipos e níveis de sofrimento. Uma das principais causas da ansiedade está na incapacidade das pessoas em impedir que o mal aconteça, ou mesmo de dar explicações plausíveis sobre em situações de catástrofes ou de perdas pessoais.

A teodiceia se propõe a refletir sobre a relação de atributos divinos como poder, bondade e existência, diante da origem, da realidade e dos efeitos do mal. Nesse campo, que pertence à teologia, Agostinho, bispo de Hipona, presenteou a humanidade com uma elaboração que, se colocada em diálogo com a psicologia, na intenção de atender aos que sofrem de ansiedade, tem muito a contribuir no enfrentamento, e até mesmo na

vitória sobre os efeitos desse mal. Essa possível contribuição encontra-se basicamente em dois pontos fundamentais: i) embora reconheça a existência e a realidade do mal, Agostinho ratifica a existência, a bondade e o poder de Deus; ii) o caminho para que o homem tenha paz em meio à tormenta é voltar-se para o seu Criador e reconhecê-lo como Soberano.

Sendo assim, esse texto utilizou-se do diálogo entre a psicologia e a teologia, no sentido de oferecer uma possível contribuição no enfrentamento ao problema da ansiedade à partir da obra de Agostinho de Hipona sobre a teodiceia.

Referências

AGOSTINHO, Aurélio. *Confissões*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001

AGOSTINHO. *O Livre-Arbítrio*. São Paulo, SP: Paulus, 1995

Bock, Ana Mercês Bahia & Furtado, Odair & Teixeira, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias:** *Uma Introdução ao Estudo de Psicologia*. São Paulo, SP: Saraiva, 2018

BRACHTENDORI, Johannes. *Confissões de Agostinho*. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2008

COLLINS, Gary R. *Aconselhamento Cristão: Edição Século 21*. São Paulo, SP: Editora Vida Nova, 2004

CRUZ, Elaine. *Equilíbrio Emocional: Personalidade Transformada pelo Fruto do Espírito*. Rio de Janeiro, RJ: CPAD, 2019

GEISLER, Norman L. & BROOKS, Ronald M. *Respostas aos Céticos: Saiba como responder questionamentos sobre a fé cristã*. Rio de Janeiro, RJ: CPAD, 2016

KIERKEGAARD, Søren Aabye. *O Conceito de Angústia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015

LACOSTE, Jean Yves (Dir.). *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo, SP: Paulinas: Edições Loyola, 2004

LEIBNIZ, G. W. *Ensaios de Teodiceia*. São Paulo, SP: Estação da Liberdade, 2013

MATOS, Alderi S. *A Vida e o Ministério de Agostinho de Hipona*. Fé para Hoje, São José dos Campos, SP, edição 40, p. 20-26, Dezembro, 2013

WANDERLEY, Daniel Felipe Silva. *A Teologia em Diálogo com as Psicologias entre os Séculos XIX e XXI*. Curitiba, PR: Editora CRV, 2019

WEITEN, Wayne. *Introdução à Psicologia: Temas e Variações*. São Paulo, SP: Editora Cengage, 2019